

## A GRAFIA DA LATERAL // PÓS-VOCÁLICA EM TEXTOS DE ESCRITA INICIAL EM PORTUGUÊS BRASILEIRO E EM PORTUGUÊS EUROPEU: UM ESTUDO COMPARATIVO

NATHALIA VITÓRIA REINEHR<sup>1</sup>; LORENZO STEINHORST RICHETTI<sup>2</sup>; LISSA PACHALSKI<sup>3</sup>; ANA RUTH MORESCO MIRANDA<sup>4</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas (UFPel) – [nathaliavreinehr@gmail.com](mailto:nathaliavreinehr@gmail.com)

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas (UFPel) – [lorenzo.richetti@gmail.com](mailto:lorenzo.richetti@gmail.com)

<sup>3</sup>Universidade Federal de Pelotas (UFPel) – [pachalskil@gmail.com](mailto:pachalskil@gmail.com)

<sup>4</sup>Universidade Federal de Pelotas (UFPel) – [anaruthmmiranda@gmail.com](mailto:anaruthmmiranda@gmail.com)

### 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho busca mapear e comparar a grafia da forma fonológica // em posição pós-vocálica medial e final grafada por <l> em textos espontâneos de crianças em período de alfabetização do Português Brasileiro (PB) e do Português Europeu (PE). A pesquisa está vinculada aos estudos desenvolvidos pelo GE-ALE/UFPel (Grupo de Estudos sobre Aquisição da Linguagem Escrita), que buscam analisar os processos individuais e tendências gerais encontradas durante o período de aquisição e desenvolvimento da escrita.

O ditongo é um tema que tem suscitado interesse em estudiosos da fonologia do Português Brasileiro (PB), tanto na variação como na aquisição. Os ditongos podem ser classificados como crescentes (SV) ou decrescentes (VS) em relação à posição da semivogal e da vogal no ditongo. Dentre os ditongos decrescentes, Bisol (1994) propõe as categorias dos ditongos fonológicos, ou verdadeiros, e dos fonéticos, ou falsos, categorizados de acordo com presença ou não de um ditongo na estrutura subjacente. Além desses, há também o caso dos ditongos decrescentes formados pelo processo de vocalização da consoante lateral // em posição de coda medial ou final, fenômeno abordado neste trabalho. Uma discussão importante a respeito desse ditongo é referente ao estatuto e à representação do segmento lateral na fonologia: Bisol (1994) defende a existência do // como elemento subjacente em coda na gramática adulta; já Hernandorena (1990) defende a subjacência do /u/ em um núcleo ramificado na fonologia das crianças, razão que justificaria sua aquisição precoce para a autora.

Câmara Jr. (1969) discute a vocalização no Português Brasileiro e no Europeu, argumentando que nas duas línguas o // pós-vocálico passa a ter a articulação velar ao ser realizado, formando um ditongo com a vogal na variedade brasileira e apenas velarizando a lateral na portuguesa. Dessa forma, ele pode ser produzido na fala como a lateral [l], a variante velar [ɫ] ou é totalmente substituído pelo glide [w] no processo de vocalização. Assim, em casos como “*papel X chapéu*” e “*alto X pauta*”, há a existência de uma certa opacidade no nível fonético, já que se ouve uma mesma forma fonética para duas formas fonológicas diferentes, ou seja, existe mais de uma forma fonológica realizada foneticamente pelo glide [w]. Tendo isso em vista, no caso dos ditongos com coda lateral na subjacência, há a produção fonética de um glide, ainda que eles sejam grafados com <l>, o que se apresenta como um fator de dúvida para as crianças na escrita.

No PB, esse // pós-vocálico é produzido como a variante vocalizada [w] de modo sistemático na maioria dos dialetos, com a lateral não figurando em muitas falas populares. Já no PE, os falantes produzem a variedade velarizada [ɫ] da coda

lateral na maior parte dos dialetos em um processo de semivocalização (velarização) do // pós-vocálico (MATHEUS, M. H. M. et al., 2003). Tendo essas considerações em vista, este trabalho busca mapear e discutir o caso do ditongo derivado da sequência /V + l/ com o processo de vocalização da lateral pós-vocálica nas duas línguas, visando comparar os resultados e analisar as possíveis diferenças na distribuição dos dados e estratégias de erros na escrita do PB e do PE.

## 2. METODOLOGIA

Os dados utilizados nesta pesquisa foram extraídos de 469 textos e 1136 textos espontâneos referentes ao quarto e ao oitavo estrato, respectivamente, do Banco de Textos de Aquisição da Linguagem Escrita (BATALE), vinculado ao GE-ALE/UFPEL. Os textos do quarto estrato foram produzidos por crianças que cursavam do 1º ao 3º ano em três escolas públicas da cidade de Porto, em Portugal, e coletados em 2009, sendo referentes, portanto, à grafia do Português Europeu. Já os textos pertencentes ao estrato oito do BATALE foram produzidos por crianças de 1º a 3º ano de duas escolas públicas da cidade de Porto Alegre, Brasil, no ano de 2014, e são referentes a dados do Português Brasileiro.

A organização dos dados levou em consideração as seguintes variáveis: 1) variedades do Português: Português Brasileiro e Português Europeu; 2) acertos e erros na grafia do <l> pós-vocálico em cada língua; 3) ano escolar; 4) posição do // pós-vocálico na palavra: medial e final; 5) tipo de erro. O escopo da pesquisa é a grafia da forma // em posição pós-vocálica medial e final grafada por <l> em textos do Português Brasileiro e do Europeu.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir dos 1136 textos do oitavo estrato, foram extraídos 273 dados referentes à grafia do PB. Em relação às escritas das crianças portuguesas, foram computados 186 dados dos 469 textos analisados. A seguir é apresentada uma tabela que sintetiza os dados computados, dividindo-os por língua, ano escolar, posição do // pós-vocálico na palavra e número de acertos e erros.

Tabela 1: distribuição dos dados da grafia do // pós-vocálico em PB e PE:

| Ano escolar | Posição na palavra | PB         |            |               | PE       |            |               |
|-------------|--------------------|------------|------------|---------------|----------|------------|---------------|
|             |                    | erros      | acertos    | Dados por ano | erros    | acertos    | Dados por ano |
| 1º ano      | medial             | 3 (100%)   | 0 (0%)     | 3             | 1 (25%)  | 3 (75%)    | 4             |
|             | final              | 9 (90%)    | 1 (10%)    | 10            | 0        | 0          | 0             |
| 2º ano      | medial             | 17 (60,7%) | 11 (39,3%) | 28            | 5 (10%)  | 45 (90%)   | 50            |
|             | final              | 20 (52,6%) | 18 (47,4%) | 38            | 1 (2,5%) | 39 (97,5%) | 40            |
| 3º ano      | medial             | 47 (51,6%) | 44 (48,4%) | 91            | 2 (3,3%) | 59 (96,7%) | 61            |
|             | final              | 48 (46,6%) | 55 (53,4%) | 103           | 0 (0%)   | 31 (100%)  | 31            |
| Total       | medial             | 67 (54,9%) | 55 (45,1%) | 122           | 8 (7%)   | 107 (93%)  | 115           |
|             | final              | 77 (51%)   | 74 (49%)   | 151           | 1 (1,4%) | 70 (98,6%) | 71            |

A Tabela 1 aponta uma grande diferença entre percentuais de erros e acertos na grafia do // pós-vocálico nos dados de PB e de PE. Nos dados de PB, o número de erros supera o de acertos, tendência que não é observada em análises que

tratam de outros fenômenos da escrita desenvolvidas pelo GEALE (cf. PACHALSKI, 2020, por exemplo), o que pode apontar a dificuldade dos alunos na grafia desse segmento nessa posição. Ainda nos dados do PB, nota-se que a distribuição de erros e acertos na grafia da posição medial e da posição final foi similar, com 54,9% e 51% de erros, respectivamente. Assim como na distribuição geral, a tendência de maior número de erros do que acertos se mostrou na posição medial e na final, ainda que as estratégias utilizadas para grafar esses erros sejam diferentes. Já nos textos de PE, o número de acertos foi consideravelmente superior ao de erros, apontando uma maior estabilidade na grafia da lateral pós-vocálica nessa variedade. Na posição final foi encontrado apenas 1 erro e na posição medial foram computados 9 erros, representando 1,4% e 7%, respectivamente, dos dados do PE.

Os textos de crianças portuguesas apresentaram um número baixo de erros, diferenciando-se, assim, da distribuição de dados do PB. Esse fato pode ser abordado devido à influência do processo de vocalização da consoante lateral na fala, um fenômeno amplamente observado na maioria dos dialetos do Brasil. Já no PE, essa lateral é produzida no nível de superfície como a própria lateral ou a variante velarizada, em um processo de velarização. Assim, essa maior correspondência entre os níveis fonológico e fonético do segmento em PE parece auxiliar as crianças portuguesas no processo de escrita, não gerando a opacidade observada no PB. Dessa forma, esse fenômeno pode apontar uma influência, ainda que restrita, do universo fonético na escrita, com o processo de vocalização na fala influenciando a grafia durante a aquisição.

A análise dos erros encontrados permite observar as principais estratégias utilizadas pelas crianças para grafar o /l/ pós-vocálico em posição medial e final nos 144 erros de PB e nos 9 erros de PE. Nos dados de Português Europeu, a estratégia preferencial dos alunos em posição medial foi a substituição do <l> por <u>, observada em 4 dos 8 erros (50%). Já na posição final, o único erro encontrado em 71 dados foi “*quamino*” para ‘qual caminho’, grafado com a omissão do <l> resultado de uma hipossegmentação que diminuiu o número de sílabas das palavras por um processo de sândi.

Para os erros de PB, que apresentaram um percentual de erros bastante expressivo, as estratégias utilizadas são mais variadas. A estratégia predominante utilizada para grafar o /l/ pós-vocálico medial e final de ditongos foi a substituição do <l> por <u>, com 39 dados na posição medial, como em “*auguma*” para “alguma” e 42 dados na posição final, como em “*legau*” para “legal”. Na grafia desse ditongo em posição medial também foram estratégias utilizadas pelos alunos a omissão do grafema <l> e a sua substituição por <m,n>, com 22 e 2 dados, respectivamente. Já na posição final, a segunda estratégia mais utilizada pelos aprendizes foi a substituição do <l> por <o>, como em “*legao*” para “legal”, representando 24,7% dos erros nessa posição. Essa é uma estratégia interessante pois apresentou um conjunto considerável de dados na escrita do <l> final, o que aponta para a influência de complicadores ortográficos na grafia desse segmento, já que a substituição do <l> por <o> em posição final parece ocorrer devido ao processo de supergeneralização de regras, que regula o uso do grafema <o> no final de palavras pronunciadas como [u] em contextos que essa regra não se aplica. Apesar da semelhança na estratégia preferencial nas posições medial e final do PB, as outras estratégias encontradas divergiram, apontando para o tratamento diferenciado dos alunos em relação às diferentes posições do /l/ pós-vocálico.

A substituição do <l> por <u> é a estratégia mais comum dos ditongos formados pelo processo de vocalização do /l/ em coda. O fato da substituição ter maior

índice do que a omissão pode apontar que essa coda lateral é um fator de dúvida e instabilidade para os alunos em relação ao segmento que ocupa essa posição. Os alunos parecem identificar que há um segmento ali – razão pela qual os erros de omissão são em menor número –, mas a dúvida é em relação a qual segmento estaria ocupando essa posição. No caso do PB, os dados parecem mostrar que a dúvida dos aprendizes é em relação ao segmento que está na subjacência – a vogal ou a consoante lateral –, por isso a estratégia mais usada é a de substituição com uma percentagem de erros considerável. Já nos textos do PE, parece haver um processo diferente, apontando para uma maior estabilidade do reconhecimento do segmento lateral, o que resulta em um número menor de erros.

#### 4. CONCLUSÕES

A partir dos resultados apresentados, foi possível mapear algumas tendências encontradas na grafia do /l/ pós-vocálico e discutir as diferenças nos dados de PB e PE. O maior número de erros na grafia do ditongo formado pela vocalização do /l/ no textos de PB em relação aos textos de PE pode ser um indicativo da influência, ainda que restrita, de um processo fonológico – a vocalização da consoante lateral /l/ em posição pós-vocálica – na escrita de aprendizes em fase de alfabetização.

Apesar da amostra de dados contar com um número considerável de textos e uma quantidade de dados parecida de PB e PE, a incidência do contexto é baixa. A próxima etapa desta pesquisa exploratória consiste, portanto, em aumentar o número de textos analisados e dados computados. Dessa forma, será possível avaliar um conjunto maior de erros com intuito de discutir as estratégias utilizadas pelas crianças nessa grafia.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BISOL, Leda. Ditongos derivados. **D.E.L.T.A.** São Paulo, vol. 10, n. especial, p. 123-140, 1994.
- CÂMARA JR., Joaquim M. **Problemas de linguística descritiva**. Petrópolis: Vozes, 1969.
- HERNANDORENA, C. L. B. M. **Aquisição da fonologia do português: estabelecimento de padrões com base em traços distintivos**. 1990. Tese (Doutorado em Linguística). Instituto de Letras e Artes, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1990.
- MATHEUS, Maria Helena Mira et al. **Gramática da língua portuguesa**. 5 ed. Lisboa: Caminho, 2003.
- PACHALSKI, L. **A grafia de sílabas complexas na aquisição da escrita: relações entre fonologia e ortografia**. 2020. Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Letras e Comunicação. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.